

### Família Lacerda abraça a Luta Coletiva e transforma sua realidade



Foto: Bruno Machado/ SASOP

Na Comunidade Lagoa do Gado, em Campo Alegre de Lourdes-BA, o casal Leandro e Kátia Lacerda, com as filhas Alana e Akira, mostra como a organização comunitária, a incidência política e a valorização do conhecimento local são fundamentais para construir territórios fortes e resilientes. Também apontam como a presença do Estado, por meio de políticas públicas, é essencial para o desenvolvimento das famílias e da convivência com o semiárido.

Logo que iniciaram o trabalho com agricultura, o acesso à água era um grande desafio. "Só meu avô tinha um pequeno barreiro aqui", lembra Leandro. A realidade começou a mudar com a chegada das políticas de acesso à água. Em 2012, conquistaram a primeira cisterna de consumo e, dois anos depois, um barreiro trincheira. "Aí conseguimos diversificar a produção, plantar hortaliças e outros alimentos", conta Kátia, que destaca o plantio de árvores frutíferas ao redor da casa: "Hoje temos acerola, limão, manga, goiaba... Até para as galinhas melhorou, com sombra e restos de frutas".

Em 2016, vieram novos avanços com a perfuração de um poço comunitário e a chegada do Pró-Semiárido, iniciativa do governo do estado da Bahia e FIDA, que garantiu assessoria técnica do SASOP para a família. O projeto trouxe infraestrutura como galinheiros, caixas d'água, assessoria técnica, hortas e quintais produtivos. "Não foi só para mim, mas para todo mundo aqui", frisa Leandro. Mais recentemente, o programa investiu no recaatingamento, biodigestores e sistemas de reuso de água.

A organização da associação comunitária foi um divisor de águas. "Entre 2013 e 2014, começamos a organizar a associação. A ideia surgiu a partir do Fórum de Entidades do Município, onde discutimos a necessidade de proteger uma área de caatinga que estava sendo devastada", explica Leandro.

A mobilização envolveu cinco comunidades de fundo de pasto: Lagoa do Gado, Taboa, Marreco, Jenipapinho, Volta de Cima e Baixão de São José. "Pegamos informações da CPT sobre os impactos do desmatamento e da mineração e fomos conversar com as lideranças. Em uma reunião com cerca de 40 pessoas, demos o primeiro passo", recorda.

O desafio seguinte foi enfrentar resistências. "Alguns criticaram, disseram que estávamos invadindo terra alheia, mas sabíamos que a lei estava do nosso lado", conta. Com o tempo, os resultados falaram por si: "A produção de mel aumentou, a mata nativa se recuperou e até quem era contra passou a apoiar". Registrada em 2015, a associação hoje reúne 37 famílias.

Os frutos são visíveis. Junto à CAR, a comunidade conquistou mais de 20 cisternas, fogões agroecológicos, sistemas de reuso e barreiros de produção. "Mas, para mim, a maior conquista foi o conhecimento", enfatiza Leandro. Mais recentemente, a certificação orgânica, o PNAE e a Feira Agroecológica passaram a mobilizar a comunidade. "Já temos três famílias certificadas e queremos ampliar. Ajuda no financeiro e no reconhecimento da nossa produção", destaca.



Foto: Bruno Machado/ SASOP

As filhas também têm papel importante. Estudantes da Escola Família Agrícola (EFA), trazem novas ideias. "O que aprendemos na escola aplicamos em casa e na comunidade", conta Alana. Entre as práticas, estão a cobertura seca do solo, o Sistema Agroflorestal (SAF), a adubação e compostagem. "Chamamos de Agrocaatinga, um nome que faz mais sentido para a nossa realidade", explica. Inspirada, Alana propôs implantar um SAF na área que o pai não utilizava, combinando plantas nativas e forrageiras.

O próximo passo será cobrar do poder público a instalação de contêineres para o descarte do lixo seco em cada comunidade. "A gente aprendeu que cuidar da terra é cuidar da gente. Esse é o nosso maior ganho: a conscientização e o conhecimento", conclui Leandro.